

A Diversidade na EJA: Os vários rostos de uma exclusão perpetuada na história da educação brasileira

Alessandra Fonseca Farias

Graduanda em Pedagogia da UNESP/FCT de Presidente Prudente – SP e membro do GEPEP. E-mail: pedadoga_ale@hotmail.com

Pensar sujeitos da EJA é trabalhar com e na *diversidade*, segundo o texto preparatório a VI CONFINTEA "BRASIL - Educação e Aprendizagens de Jovens e Adultos ao Longo da Vida" (SECAD, 2008). A *diversidade* que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver, pensar. A produção de uma política pública de Estado para a EJA, centrada em sujeitos jovens e adultos com a expressão de toda a *diversidade* que constitui a sociedade brasileira é responsabilidade de governos e da sociedade com todos os seus cidadãos, de maneira a superar as formas veladas, sutis e explícitas de exclusão de que a *desigualdade* se vale.

A exclusão do mundo letrado acarreta a exclusão social, pois a habilidade de leitura e escrita é fundamental em situações simples e cotidianas, como: pegar um ônibus, organizar uma lista de compras, ler embalagens de produtos no supermercado etc. Estas são situações hora e meia relatadas pelos sujeitos educandos da EJA, nas quais sem o domínio do código linguístico e um mínimo de criticidade frente à sociedade letrada, se tornam dependentes de terceiros para a execução de tarefas corriqueiras e essenciais.

É preciso reconhecer os sujeitos da EJA situados no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea conforme aponta OLIVEIRA (2007). O tema "EJA" não compreende apenas a especificidade etária, como também a cultural. É preciso historicizar o objeto de reflexão para não cometer o equívoco de apontar a todos os adultos e adultas sem escolarização como personagens abstratos, dito de outro modo, a identidade

dos sujeitos educandos da EJA não pode ser generalizada e resumida a índices de analfabetismo, esse sujeito tem um rosto, um rosto com traços, traços que revelam sua identidade, identidades que devem ser consideradas prioritárias na elaboração de um currículo para EJA, assegurando assim toda a especificidade dessa modalidade de educação.

Compreender a forma de atender a *diversidade* dos sujeitos da EJA de forma que jovens e adultos possam estar na escola e aprender é extremamente necessário. São as necessidades da vida, desejos a realizar, metas a cumprir que ditam as disposições desses sujeitos, e por isso há a necessidade de compreender seus tempos para então organizar, segundo as possibilidades de cada grupo ou pessoas, o momento de formação, para garantir sua permanência e direito à educação.

Um currículo para a EJA que seja definido pela mediação com os educandos e seus saberes, e com a prática de seus professores é extremamente necessário. Reconfigurar currículos é tarefa de diálogo entre educadores, educandos, gestores, assim como todos os segmentos envolvidos no processo educativo. Não é desafio individual, mas coletivo, de gestão democrática, que exige pensar mais do que uma intervenção específica: exige projeto político-pedagógico para a escola de EJA como comunidade de trabalho/aprendizagem em rede, em que a *diversidade* da sociedade esteja presente.

A EJA é também espaço de tensionamento e aprendizagens em diferentes ambientes de vivências que contribuem para a formação de jovens e adultos como sujeitos da história. Nesses espaços, a EJA volta-se para um conjunto amplo e heterogêneo de jovens e adultos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora. Por isso, é compreendido na diversidade e multiplicidade de situações relativas às questões étnico-racial, de gênero, geracionais; de aspectos culturais e regionais e geográficos; de orientação sexual; de privação da liberdade; e de condições mentais, físicas e psíquicas — entendida, portanto, nas diferentes formas de produção da existência, sob os aspectos econômico e cultural. Toda essa diversidade institui distintas formas de ser brasileiro, que precisam incidir no planejamento e na execução de diferentes propostas e encaminhamentos na EJA. (Ministério da Educação, SECAD, 2008, p.14).

Além disso, é preciso uma discussão que entenda todos os sujeitos: homens, mulheres, negros, indígenas, jovens, adultos, idosos,

deficientes, população carcerária e todas as suas expectativas e necessidades de modo que essas possam ser entendidas no processo de ensino-aprendizagem na EJA.

"É que o risco é um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem história. Daí a importância de uma educação que, em lugar de procurar negar o risco, estimule mulheres e homens a assumi-lo. É assumindo o risco, sua inevitabilidade, que me preparo ou me torno apto a assumir este risco que me desafia agora e a que devo responder." (FREIRE, 2000, p.30).

Nesse sentido se faz importante a pesquisa sobre os sujeitos da educação de jovens e adultos. Muitos deles têm história de fracasso, de não aprendizados, de frustrações, por isso não é possível repetir modelos e manter abordagens infantilizadas. Ler e escrever são práticas indispensáveis às sociedades em que a cultura escrita regula a vida social, o que requer que jovens e adultos aprendam ao longo da vida num diálogo constante com seus saberes que não podem ser ignorados. Assim, ler e escrever serão os primeiros passos propostos por uma educação popular com currículo específico em EJA de um longo caminho de inclusão na sociedade, trilhado por sujeitos que reafirmam, através da educação, sua identidade e seus direitos de cidadãos e cidadãs de dignidade.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Editora Unesp, 2000.

FURLANETTI, Maria P. F. R. **Compartilhando Experiências: Dialogando com a Prática da Alfabetização**. Bauru, SP: Canal6, 2009.

OLIVEIRA, Marta K. Educação como Exercício de Diversidade. **Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED 2007, p. 61-83.

SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA**, 2008.

